

ESTILO DO GÊNERO E ESTILO INDIVIDUAL EM INTRODUÇÕES DE ARTIGOS ACADÊMICOS DAS ÁREAS DE PSIQUIATRIA E LINGUÍSTICA APLICADA

Aline Leontina Gonçalves Farias (UECE)
fraufarias@gmail.com

Rozania Maria Alves de Moraes (UECE)
r_de_moraes@hotmail.com

Introdução

A teoria bakhtiniana de gêneros nos informa sobre a relação orgânica e indissolúvel entre gênero e estilo. Segundo Bakhtin, cada campo da atividade humana cria e emprega gêneros de acordo com as condições específicas da área; a estes gêneros correspondem determinados estilos – “estilos de gênero de determinadas esferas da atividade humana e da comunicação” (BAKHTIN, 2003, p.266).

Nessa passagem, Bakhtin deixa transparecer um caráter coletivo da noção de estilo, trata-se do *estilo de gênero* (também chamado por Bakhtin de *estilo em geral*), que não é a mesma coisa que *estilo individual* (este de caráter mais particular, subjetivo). Enquanto o primeiro é determinado pelas especificidades do campo da atividade ao qual está vinculado, este último refere-se às marcas de individualidade do autor que emprega o gênero. Atraídos por esta diferença entre *estilo de gênero* e *estilo individual* e motivados a desenvolver um raciocínio sobre estas noções, decidimos investigar por meio da análise de realizações do gênero artigo acadêmico o que caracteriza cada uma dessas noções de estilo.

Sartori (2008) já havia realizado um estudo em que fez considerações entre estilo de gênero e estilo individual. A autora investigou o estilo no gênero memorial de formação, mas deteve-se a realizações desse gênero numa mesma área – curso de pedagogia de uma universidade brasileira. Compreendemos, contudo, que comparar realizações de um mesmo gênero em diferentes áreas de atividade humana possa facilitar a percepção do estilo do gênero, uma vez que este se relaciona diretamente às condições do campo em que o gênero é realizado. Por isso, optamos por contrastar exemplares de artigos acadêmicos das áreas de Psiquiatria e Linguística Aplicada.

Uma vez percebidas as caracterizações de estilo do artigo acadêmico em cada uma dessas áreas, passamos a investigar variações de estilo dentro das realizações de gênero da mesma área. Ou seja, nesse momento, interessou-nos perceber as marcas de subjetividade impressas pelos autores de cada artigo. Como o interesse nessa fase foi o estilo individual, não vimos necessidade de analisar os artigos por completo, por isso restringimos a análise do estilo individual às introduções de cada artigo.

Assim, nosso objetivo com este estudo foi tecer considerações a respeito de *estilo do gênero* e *estilo individual* a partir da análise comparativa da organização retórica de artigos acadêmicos das áreas de Psiquiatria e Linguística Aplicada e da análise das marcas de estilo nas introduções dos artigos de cada área.

Organizamos o artigo da seguinte forma: primeiramente apresentamos uma discussão sobre as noções de gênero, estilo, propósito comunicativo e comunidade discursiva, com o intuito de fundamentar nosso trabalho e embasar nossas considerações sobre estilo; em seguida, discorreremos sobre artigo acadêmico e sua organização retórica para dar base à nossa análise, que vem na sequência; por fim, resumimos nossas considerações sobre *estilo do gênero* e *estilo individual* em relação aos resultados da análise.

1. As relações entre gênero e estilo e as noções de comunidade discursiva e propósito comunicativo na determinação do gênero

Em vários modos de abordagem da teoria dos gêneros vemos uma unanimidade em atribuir às noções de *comunidade discursiva* (conforme Bhatia e Swales ou *campo/esfera da atividade humana* como em Bakhtin) e *propósito comunicativo* um importante papel na determinação do gênero. Tais noções estão fortemente ligadas ao que Bhatia (2009, p.162) chama de “aspectos convencionados, institucionalizados e permissíveis (...) da construção dos

gêneros”, que têm sido o denominador comum das abordagens de gênero em detrimento dos aspectos criativos, inovadores e exploráveis.

Consideramos, com apoio em Bakhtin (2003), que o estudo do estilo (tanto o do gênero como o individual), ou seja, dos aspectos criativos e inovadores, é também não apenas possível como necessário. Mas tal estudo deve levar em consideração “a natureza do gênero dos estilos linguísticos e basear-se no estudo prévio das modalidades de gêneros do discurso” (op. cit., p.266). Por isso, compreendemos que o reconhecimento dos aspectos convencionados deva anteceder ou coexistir à investigação do estilo. Já que gênero e estilo estão “indissolúvelmente ligados ao todo do enunciado”, os aspectos inovadores e criativos devem tornar-se mais evidentes quando contrastados com os aspectos comuns, coletivos e convencionados dos gêneros.

Assim, nesta pesquisa, enfatizamos os aspectos criativos e inovadores que correspondem às marcas de estilo na realização dos artigos acadêmicos, mas levamos em conta também os aspectos convencionais desse gênero, com base em estudos (analíticos e descritivos) já desenvolvidos sobre *artigo acadêmico* (SWALES, 1990; BERNARDINO, 2007; MOTTA-ROTH e HENDGES, 2010) e *introduções* (SWALES, 1990; BHATIA, 1997) ou *gêneros introdutórios* (PONTES e SAMPAIO, 2011).

Bhatia (1997) investigou a natureza e a função das introduções em livros acadêmicos, observando o que havia de comum em várias realizações de introdução em diferentes disciplinas acadêmicas. O propósito de seu estudo foi verificar o comum e o variável entre os gêneros introdutórios que recebem diferentes nomenclaturas (introdução, prefácio, apresentação e prólogo). Segundo o autor, esses gêneros “podem ser identificados pelo propósito comunicativo comum de introduzir um trabalho acadêmico”, seja este um livro, um artigo de pesquisa, um ensaio etc. (BHATIA, 1997, p.183).

De acordo com Bhatia (2009), o propósito comunicativo parece ser a noção mais central à teoria de gêneros. Isso por dois motivos: por estar inserido em contextos retóricos específicos e por determinar escolhas específicas das formas estruturais e léxico-gramaticais. Também na perspectiva de Swales (1990; 2004 apud BIASI-RODRIGUES; HEMAIS; ARAÚJO, 2009) o propósito comunicativo tem papel de destaque na determinação e no reconhecimento de um gênero; embora o autor tenha reconhecido que o propósito comunicativo nem sempre aparece explicitamente nas realizações do gênero. E também outros propósitos podem juntar-se ao propósito mais central do gênero. A esse respeito, Bhatia (2009) fala que *intenções particulares* dos autores podem ser somadas ao propósito comunicativo e serem também determinantes para a forma de realização do gênero.

Por isso, para Bhatia (2009, p.171), a noção de criatividade é essencial para a definição dos gêneros. Conforme o autor, há um aspecto tático na construção do gênero que diz respeito a uma exploração inteligente das convenções genéricas por parte dos membros experientes para combinar os propósitos comunicativos socialmente reconhecidos às suas intenções particulares. Ou seja, o escritor¹ mais hábil “utiliza o que é convencionalmente disponível em uma comunidade discursiva para promover seus próprios e sutis objetivos” (p.170). Mas Bhatia também observa as condições limitadoras da criatividade:

[...] contudo, tal liberdade, inovação, criatividade e exploração, seja como for que a chamemos, invariavelmente se realiza antes dentro do que fora das fronteiras do gênero [...]. A inovação nunca é uma atividade completamente livre. A natureza e manipulação do gênero é realizar-se invariavelmente dentro dos limites dos gêneros específicos e ser, frequentemente, muito sutil. (BHATIA, 2009, p.168)

Observamos a congruência entre os pensamentos de Bhatia e de Bakhtin a respeito dos gêneros. Para este último, o uso da linguagem se realiza na forma de enunciados

¹ Tratando-se é claro de gêneros escritos. Mas os gêneros podem também ser orais, e nesse caso, o autor é tratado como falante. Nesta pesquisa, contudo, focamos um gênero escrito: o artigo acadêmico.

concretos que refletem as condições específicas e as finalidades do campo da atividade humana em que esses enunciados estão inseridos. Tal reflexo é revelado pelo *conteúdo temático*, pelo *estilo da linguagem* (seleção dos recursos léxico-gramaticais) e, principalmente, pela *construção composicional* do enunciado. Cabe aqui explicitar que o termo enunciado é usado em Bakhtin também para referir-se a gêneros de discursos, veja-se a definição destes em Bakhtin como *tipos relativamente estáveis de enunciados*.

Aqueles três elementos (conteúdo, estilo e construção composicional) “estão indissolúvelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação” (BAKHTIN, 2003, p.262). Assim é que Bakhtin chega à assertiva de que “onde há estilo há gênero” e vice-versa (acrescentamos).

A nosso ver, a compreensão de Bhatia sobre a relação intrínseca entre as convenções e a criatividade na determinação do gênero encontra eco na compreensão de Bakhtin que inclui o estilo na composição do gênero. Vejamos ainda nessa última citação de Bakhtin, que este autor também atribui um valor determinante ao campo de comunicação/ atividade humana (comunidade discursiva para Bhatia, e também Swales) sobre a forma de participação de cada elemento na composição do gênero.

2. Gênero artigo acadêmico

De acordo com o conceito swalesiano de artigo acadêmico (doravante AA), Bernadino (2007) explica que o AA está relacionado a gêneros escritos voltados para a divulgação de alguma investigação com o propósito de apresentar e/ou discutir questões teóricas e/ou metodológicas. Já Motta-Roth (2010) esclarece que o autor de um AA, a partir do objetivo básico de reportar um estudo e com a pretensão de que este tenha impacto em sua área, deve não apenas descrever seu estudo, expor e avaliar seus resultados, mas fazê-lo conforme as convenções de sua comunidade.

Dessa forma, a escrita de um AA envolve pelo menos dois saberes: primeiramente, saber organizar o relato do estudo numa forma que seja reconhecida como artigo acadêmico; e, além disso, é preciso conhecer as regras particulares da área na qual se busca a aceitação do artigo. Com isso, entendemos que o primeiro saber esteja ligado ao conhecimento mais geral do gênero, enquanto o segundo diz respeito ao estilo; ou seja, concerne às convenções do campo de atividade /comunidade discursiva ou ainda área disciplinar, já que tratamos de um artigo acadêmico.

Convém esclarecer que não há apenas um tipo de artigo acadêmico. Ao revisar a caracterização do AA em 2004, Swales (apud BERNARDINO, 2007) faz uma distinção entre artigos acadêmicos experimentais, teóricos e de revisão. Cada um desses tipos apresenta uma organização um tanto particular, condizente com o propósito e as características do estudo nele relatado.

2.1. Organização(ões) retórica(s) do artigo acadêmico

Em 1990, Swales descreve a organização do gênero artigo acadêmico como composto de quatro unidades retóricas básicas: Introdução, Métodos, Resultados e Discussão. Embora para Bernardino (2007), essa caracterização condiga mais com a descrição do artigo experimental. Motta-Roth (2002 apud BERNARDINO, 2007), por exemplo, acrescenta a unidade Revisão de Literatura à descrição de Swales, e apresenta a seguinte reorganização das seções de um artigo acadêmico: Introdução, Revisão de Literatura, Metodologia e Resultados/Discussão.

A partir do que nossas análises de artigos acadêmicos puderam nos mostrar, compreendemos que o modo de organização retórica não é fixo, é dinâmico pois estreitamente ligado à área do conhecimento (condições do campo de produção), ao propósito comunicativo do gênero e ainda às intenções particulares de cada autor. Assim, defendemos que essa organização seja resultado da relação entre o estilo do gênero e o estilo individual.

Dependendo da área disciplinar, o caráter coletivo e convencional poderá ter um maior peso na determinação do resultado dessa relação do que os aspectos criativos e individuais.

Por meio de uma extensiva investigação da distribuição das informações em introduções de artigos de pesquisa de diversas áreas, Swales criou em 1990 o modelo CARS (*Create a research space*) para introduções de artigos acadêmicos, composto de três movimentos de composição do texto. Cada movimento, por sua vez, é composto por passos que constituem opções às quais os autores podem ou não recorrer na escrita das introduções de seus artigos.

Introdução segundo o modelo CARS – Swales (1990)

- Movimento 1: Estabelecer o território
 - Passo 1 – Asseverar a importância da pesquisa e/ou
 - Passo 2 – Fazer generalização/ões quanto ao tópico e/ou
 - Passo 3 – Revisar a literatura (pesquisas prévias)
- Movimento 2: Estabelecer o nicho
 - Passo 1A – Contra-argumentar ou
 - Passo 1B – Indicar lacunas/s no conhecimento ou
 - Passo 1C – Provocar questionamentos ou
 - Passo 1D – Continuar a tradição
- Movimento 3: Ocupar o nicho
 - Passo 1A – Delinear objetivos ou
 - Passo 1B – Apresentar a pesquisa
 - Passo 2 – Apresentar principais resultados
 - Passo 3 – Indicar a estrutura do artigo

Fonte: BIASI-RODRIGUES; HEMAIS; ARAÚJO (2009)

Sobre a Revisão de Literatura, Motta-Roth (2002 apud BERNARDINO, 2007, p.43) ressalta as seguintes subfunções: “estabelecer interesse profissional no tópico; fazer generalizações sobre o tópico ou, ainda, citar, estender, contra-argumentar ou indicar lacunas em relação a pesquisas prévias.”

Quanto à unidade retórica Métodos, de acordo com Motta-Roth (2010), o seu objetivo é apresentar os materiais e métodos adotados na pesquisa. Sua função, portanto, é descrever os procedimentos de coleta e análise dos dados de forma mais ou menos detalhada.

Os Resultados e a Discussão são apresentados como seções distintas em Swales e como compondo uma mesma seção em Motta-Roth. De qualquer forma, nessa(s) unidade(s) retórica(s), os autores “apresentam, comentam, interpretam e discutem os resultados obtidos em relação aos conhecimentos, até então, acumulados na área de pesquisa na qual o estudo está inserido” (BERNARDINO, 2007, p.43).

Ressaltamos, por fim, que esses modelos e discussão sobre a organização retórica do artigo acadêmico servirá como base para a nossa investigação.

3. Procedimentos metodológico e analítico para investigar o estilo

O primeiro procedimento metodológico de nossa pesquisa consistiu na composição do corpus. Dado o objetivo deste estudo de tecer considerações sobre as noções de estilo do gênero e estilo individual a partir da análise de introduções de artigos acadêmicos das áreas de Psiquiatria e Linguística Aplicada, selecionamos primeiramente dois periódicos, um de cada área. Assim, optamos pela Revista de Psiquiatria Clínica² e pela Revista Brasileira de

² Artigos da Psiquiatria: LOCH, A. A. et al. O estigma atribuído pelos psiquiatras aos indivíduos com esquizofrenia. **Revista de Psiquiatria Clínica**, São Paulo, v. 37, n. 3, 2011. p.113-117. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-60832011000500001> >

TIMERMAN, F. et al. Acompanhamento da evolução dos distúrbios de imagem corporal em pacientes com bulimia nervosa, ao longo do tratamento multiprofissional. **Revista de Psiquiatria Clínica**, São Paulo, 2010, vol 37, n° 3, p.113-117. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-60832010000300004> >

Linguística Aplicada³, dois periódicos de renome em suas respectivas áreas, indexados no site Scielo. Em seguida, estabelecemos os seguintes critérios para a escolha dos artigos: a) artigos acadêmicos de tipo experimental e b) de publicação recente (2010 e 2011).

Nessa primeira análise seletiva, seguimos a classificação e descrição de artigos acadêmicos apresentada por Bernardino (2007) com base em Swales (2004), para reconhecer os artigos *experimentais*. Esse critério responde ao nosso entendimento de que é preciso que os exemplares dos gêneros sejam bem semelhantes para que se possa perceber com mais clareza as características de estilo do gênero, bem como variações relacionadas ao estilo individual.

Selecionados os periódicos, abrimos os artigos mais recentes de um determinado ano de publicação (2010 ou 2011) em cada revista para selecionar aqueles identificados como experimentais, descartando os artigos de revisão de literatura e os relatos de caso (tipos de publicações também aceitas nos periódicos escolhidos). Finalmente, o corpus foi composto por quatro artigos experimentais, dois de cada área, publicados entre 2010 e 2011. Chamamos os artigos da Psiquiatria de AP1 (2010) e AP2 (2011) e os da Linguística Aplicada de AL1 (2010) e AL2 (2011).

Quanto aos procedimentos de análise, primeiramente analisamos as *normas para publicação / instruções para os autores* de cada periódico, para observarmos que orientação comum (regras do gênero) guia os membros de cada comunidade discursiva na composição e organização retórica do gênero. Consideramos essas instruções como pistas para identificarmos as marcas do gênero, mas principalmente do estilo do gênero, uma vez que essas regras são convenções particulares da área disciplinar.

Por fim, a partir dos modelos de organização retórica de artigos acadêmicos experimentais procedemos à análise dos artigos para observarmos o que é recorrente em cada área e o que é variável entre elas. Depois da identificação do estilo do gênero, passamos à verificação das marcas de estilo individual em cada artigo, para o que focamos a identificação e interpretação das escolhas léxico-gramaticais realizadas pelos autores (nas introduções), já que compreendemos a noção de estilo como diretamente ligada às *escolhas* individuais.

4. Desvendando o estilo do gênero

Identificamos os quatro artigos como experimentais por apresentarem coleta/geração de dados, bem como análise e resultados do tratamento dos dados.

Quanto à organização retórica, os artigos da Psiquiatria apresentam todas as seções que são recomendadas nas instruções para os autores. As seções seguem inclusive a mesma nomenclatura apresentada nas instruções: Introdução, Métodos, Resultados, Discussão e Referências. A única variação é nas subdivisões apresentadas em ambos os artigos na seção Métodos, o que pode estar relacionado às particularidades do conteúdo temático das subseções e às características de cada pesquisa.

Organização retórica dos artigos da Psiquiatria	
AP1	AP2
Introdução	Introdução
Métodos (Subdividido em: Amostragem e procedimentos; Instrumentos e medidas; Análises estatísticas.)	Métodos (Subdividido em: Local do estudo; Amostra; Desenho do estudo; Avaliação psiquiátrica; Avaliação da imagem corporal; Tratamento; e Análise

³ Artigos da Linguística Aplicada: APARÍCIO, A. S. M. Modos individuais e coletivos de produzir a inovação no ensino de gramática em sala de aula. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 10, n. 4, 2011. p.883-907. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.1590/S1984-63982010000400004> >
BRITO, C. C. P. Discurso(s) sobre o ensino de língua materna em um curso de formação de professores. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 11, n. 3, 2011. p. 633-651. Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.1590/S1984-63982011000300003> >

	estatística.)
Resultados (Apresenta figuras e tabelas.)	Resultados (Apresenta figuras e tabelas.)
Discussão	Discussão
Referências	Agradecimentos
	Referências

Quadro 1 – Organização retórica dos artigos da Psiquiatria

Observemos abaixo as instruções sobre a composição dos artigos na Revista de Psiquiatria Clínica (os grifos são nossos).

<p>II. Cada trabalho deve incluir um resumo de não mais de 200 palavras em Português, seguido de até cinco palavras-chave, e um <i>abstract</i> em Inglês. O <i>abstract</i> deve ser seguido do título do trabalho em Inglês e das respectivas <i>keywords</i>. Os conteúdos do resumo e do <i>abstract</i> devem ser idênticos. O resumo deverá apresentar, muito sucintamente, a essência do trabalho. Deverá ter cinco tópicos, que responderão a cinco questões: Contexto: por que você fez o estudo; Objetivos: para que você fez o estudo; Métodos: como (e se for o caso, em que grupo amostral) você fez o estudo; Resultados: o que você encontrou; e Conclusões: o que os seus resultados significam. Esses cinco tópicos também devem ser mantidos no abstract: <i>Background, Objectives, Methods, Results</i> e <i>Discussion</i>.</p> <p>III. Texto principal: essas cinco perguntas definirão também o conteúdo das diferentes partes do manuscrito, que deverá ser estruturado em: Introdução (reunindo os tópicos Contexto e Objetivos), Métodos, Resultados, Discussão, Agradecimentos (se houver) e Referências.</p>
--

Figura 1: Fragmento das “instruções para os autores” da Revista de Psiquiatria Clínica

Já a Revista Brasileira de Linguística Aplicada não expõe em suas “normas para publicação” informações sobre a organização retórica dos artigos. As únicas instruções sobre a composição dos artigos são as seguintes (grifos nossos):

<p>6. O trabalho deve conter título em português e inglês, incluindo dois resumos de até 10 linhas nas duas línguas, seguidos de lista de palavras-chave também em inglês e português, 7. Os textos devem ter no máximo 8.000 palavras (incluindo referências, notas e quadros) e deverão utilizar fonte Times New Roman, tamanho 12.</p>
--

Figura 2: Fragmento das “normas para publicação” da Revista Brasileira de Linguística Aplicada

Observando os artigos publicados nesse periódico, percebemos, diferentemente daquelas da Psiquiatria, uma maior variação na organização retórica, inclusive na designação das seções, que ganham títulos diversos relacionados ao conteúdo nelas apresentado e por vezes bem inusitados (como podemos observar em AL2).

Organização retórica dos artigos da Linguística Aplicada	
AL1	AL2
Introdução	Introdução
A construção dos pressupostos teóricos da investigação	(Des)tecendo os fios
Metodologia e processo de geração de dados	A “falta” da maldita gramática
Caracterização dos professores participantes da pesquisa	Língua portuguesa: vilã e companheira
Os modos como a inovação é produzido nas aulas de gramática (quadros)	
Conclusão	Considerações Finais
Referências	Referências

Quadro 2 – Organização retórica dos artigos da Linguística Aplicada

Apenas Introdução e Referências recebem o mesmo nome em ambos os artigos da Linguística Aplicada. Embora a seção de Conclusão seja chamada de Considerações Finais em AL2, a correspondência entre essas nomenclaturas é reconhecida. Em AL1 podemos identificar mais facilmente a seção Métodos, nele chamada de “Metodologia e processo de geração de dados”, enquanto que em AL2, apenas a leitura do conteúdo das seções permite a identificação da unidade retórica correspondente à metodologia da pesquisa.

A partir da leitura integral dos artigos, verificamos que, em AL2, a seção intitulada A “falta” da maldita gramática contém Metodologia e parte dos Resultados e de sua Discussão.

Ou seja, em AL2, numa mesma seção são apresentados os procedimentos de coleta e análise dos dados e, juntamente com eles, alguns dos resultados são mostrados e já discutidos. O restante dos Resultados e sua Discussão só aparecem na seção subsequente – *Língua Portuguesa: vilã e companheira*.

Em AL1, por sua vez, notamos que a Metodologia não está toda contida na seção *Metodologia e processo de geração de dados*, mas também em *Caracterização dos professores participantes da pesquisa*. Há, portanto, uma bipartição da seção Métodos. Acreditamos que isso se deva à característica do conteúdo desta última seção voltada para a apresentação dos participantes da pesquisa e não exatamente para os procedimentos de coleta e análise. Ainda em AL1, Resultados e Discussão compõem uma só seção, mas criativamente chamada *Os modos como a inovação é produzida nas aulas de gramática*.

Observamos, assim, como os autores da Linguística Aplicada usam de bastante liberdade em suas escolhas de como organizar seus artigos, distribuindo as informações de forma bem particular e inovadora.

Outras diferenças podem ainda ser notadas entre os artigos da Linguística Aplicada e da Psiquiatria. Observamos, quanto à revisão de literatura, por exemplo, que esta compõe apenas um passo da Introdução nos artigos da Psiquiatria, enquanto que na Linguística Aplicada a Revisão de Literatura costuma ser mais extensa, ou seja, constitui sozinha toda uma unidade retórica, às vezes apresentando até divisões e/ou subdivisões. Outra característica marcante da Revisão de Literatura na Linguística Aplicada é a sua função de fundamentar o trabalho e embasar a análise dos dados.

Numa comparação geral entre essas áreas, podemos dizer que, na Linguística Aplicada, os autores são deixados mais à vontade para explorarem aspectos novos e criativos na organização de seus artigos. Enquanto na Psiquiatria, os autores devem seguir com mais rigor a divisão das seções recomendadas nas instruções. Portanto, os autores da área psiquiátrica têm menos escolhas no que se refere à organização do artigo. Na Linguística Aplicada, a ausência de uma pré-determinação da organização retórica deixa os autores mais livres para compor e organizar seus artigos de modo particular.

Contudo, acreditamos que o estilo do gênero artigo acadêmico experimental da Psiquiatria seja mais marcado e reconhecível, uma vez que há uma padronização. Os aspectos convencionais têm grande peso na organização dos artigos da Psiquiatria. Já no estilo do gênero artigo acadêmico da Linguística Aplicada há uma maior confluência de aspectos criativos e inovadores. Se podemos dizer que há um elemento identificador do estilo do gênero nessa área, é justamente a criatividade. Portanto, o que se pode esperar dos artigos da Linguística Aplicada é a exploração original dos recursos/ convenções disponíveis para a composição desse gênero escrito.

5. Percebendo o estilo individual em introduções de artigo acadêmico

Analisando as introduções dos artigos da Psiquiatria, com base no modelo CARS de Swales, observamos a seguinte organização composicional: contextualização do tema do artigo (generalizações sobre o tópico); revisão da literatura sobre o assunto com citação de estudos prévios; contra-argumentação e/ou indicação de lacuna no conhecimento; apresentação do(s) objetivo(s) da pesquisa. Vejamos um esquema de descrição dos artigos analisados:

Introdução (Psiquiatria)

- Movimento 1: Estabelecer o território
 - Passo 1 – Fazer generalização/ões quanto ao tópico e/ou
 - Passo 2 – Revisar a literatura (pesquisas prévias)
- Movimento 2: Estabelecer o nicho
 - Passo 1A – Contra-argumentar e/ou
 - Passo 1B – Indicar lacunas/s no conhecimento
- Movimento 3: Ocupar o nicho

Passo 1 – Delinear objetivos

Figura 3: Organização da Introdução em artigos experimentais da Psiquiatria

Nos artigos da Linguística Aplicada, observamos as introduções são iniciadas por uma contextualização do tema, mas nesse caso não aparece tanto generalização, mas uma espécie de problematização do tema. Essa problematização é acompanhada de um posicionamento do autor do artigo, que pode citar outro(s) autor(es) ou teoria(s) para fundamentar e reforçar sua posição sobre o tema. Em seguida, um dos autores apresenta o objetivo da pesquisa e a organização do artigo; o outro autor levanta duas hipóteses e finaliza apresentando o objetivo do trabalho. Ensaando um modelo que descreva os dois artigos analisados, chegamos à seguinte estrutura:

Introdução (Linguística Aplicada)

- Movimento 1: Estabelecer o território
 - Passo 1 – Contextualizar e problematizar o tópico
- Movimento 2: Estabelecer o nicho
 - Passo 1 – Posicionamento com fundamentação sobre o tópico
- Movimento 3: Ocupar o nicho
 - Passo 1 – Estabelecer hipóteses e/ou
 - Passo 2 – Delinear objetivos e/ou
 - Passo 3 – Indicar a estrutura do artigo

Figura 4: Organização da Introdução em artigos experimentais da Linguística Aplicada

Acreditamos que a revisão de pesquisas prévias não é comum na introdução de artigos da Linguística Aplicada, pois, como já comentamos anteriormente, há geralmente uma ou mais seções dedicadas especificamente à Revisão de Literatura.

Novamente, neste momento da análise focada nas introduções dos artigos, percebemos claramente as variações entre as diferentes áreas, o que, a nosso ver, reforça a estilização do gênero pelas condições do campo da atividade ou área disciplinar. Mas essa análise também põe em evidência as variações dentro da própria área, revelando o estilo individual na composição do gênero. Ocupemo-nos então das marcas de estilo impressas pelos autores nas introduções de seus artigos.

5.1. Comparando as introduções de AP1 e AP2

Observando o primeiro movimento da introdução de AP1 e AP2, percebemos diferentes escolhas realizadas pelos autores. Em AP1 há uma conjunção dos passos 1 e 2 (fazer generalizações e revisar literatura), mas em AP2 os autores optam por passar diretamente à revisão de literatura, sem fazer generalizações; simplesmente vão listando estudos prévios com principais resultados (ligados ao tema do artigo). O que entendemos por generalização aqui se caracteriza como assertiva sobre o tema. Por exemplo: “A imagem corporal é definida como...” (AP1).

Verificamos também escolhas diferentes quanto à forma de revisar a literatura. Em AP1 as referências aos estudos prévios tendem a apagar a autoria, deslocando a agentividade para o objeto. Em AP2, pelo contrário, há uma maior referência nominal aos autores, que são os agentes das ações verbais. Vejamos os exemplos abaixo.

AP1 – Personalização do objeto	AP2 – Referência nominal aos autores
<i>Estudos</i> ¹⁻³ apontam...	<i>Lauber et al.</i> ¹¹ observaram que...
<i>Uma metanálise</i> obteve...	Em outro estudo [...] <i>esses autores</i> demonstraram que...
Uma limitação da <i>maioria dos estudos</i> ...	Segundo <i>Schulze e Angormeyer</i> , ...
<i>Alguns estudos</i> foram além...	<i>Magliano et al.</i> ¹⁴ observaram que...

Quadro 3 – Personalização do objeto e referência nominal na revisão de literatura

Porém, também podemos encontrar em AP1 duas referências nominais a autores de estudos prévios: “Segundo Skrzypek et al, ...” e “...tanto por Alvarenga⁹ quanto por Cordás”.

E observamos duas personalizações do objeto em AP2: “A maioria dos estudos focou...” e “Outros estudos mostram...”.

Na apresentação dos objetivos do estudo, em ambos os artigos os autores recorrem à personalização do objeto (*estudo*), em vez de marcarem sua agentividade, para a qual bastaria a colocação do sujeito em primeira pessoa (mesmo que do plural), como o fazem os autores de AL1 e AL2.

Apresentação do objetivo do artigo	
AP1	O objetivo <i>desse estudo</i> foi acompanhar a evolução dos distúrbios da imagem corporal em pacientes com BN [bulimia nervosa], ao longo do tratamento multiprofissional, oferecido pelo Ambulatório de Bulimia e Transtornos Alimentares (Ambulim), utilizando outros instrumentos que medem os componentes perceptuais e atitudinais da imagem corporal.
AP2	<i>O presente estudo</i> visou avaliar se (i) psiquiatras no maior país da América Latina, o Brasil, apresentam atitudes estigmatizantes em relação a indivíduos com esquizofrenia e, se sim, (ii) quais são os fatores relacionados a essas atitudes.

Quadro 4 – Personalização do objeto na apresentação do objetivo em AP1 e AP2

Em AP2, encontramos um único uso de primeira pessoa, que nesse caso é usada para dar ideia de um conhecimento geral, de senso comum: “Apesar da importância de se avaliar as atitudes estigmatizadoras [...], ainda *sabemos* muito pouco sobre...” (AP2).

Na introdução de AP2, os autores chegam a usar verbos e estruturas que transmitem maior teor subjetivo, mas, nesse caso, os verbos são colocados na forma impessoal: “sabe-se que”; “pode-se pensar intuitivamente”; “imagina-se que”. Assim, apesar da tendência geral, nos artigos da Psiquiatria, ao apagamento da subjetividade, pudemos perceber diferentes graus e formas desse apagamento entre AP1 e AP2, o que relacionamos a variações estilísticas na forma de marcar (ou não) o posicionamento do(s) autor(es) ou de dar um tom mais pessoal ou impessoal às afirmações.

Uma curiosidade a respeito das generalizações é que elas são feitas a partir do conhecimento formado ou ratificado em pesquisas prévias que são indicadas nas referências. Com isso, podemos dizer que a generalização sobre o assunto fundamenta-se na literatura da área. É importante ainda observarmos a particularidade da forma de apresentação de informações de outrem nos artigos da área psiquiátrica, que adota as normas do padrão Vancouver para referências. Nesse modelo, “As referências devem ser citadas no texto por meio de números arábicos consecutivos, que correspondem às respectivas fontes, conforme constam na bibliografia, nesta inseridas por ordem de entrada.” (*Instruções para os autores – Rev. Psiq. Clínica*).

Visualizemos esse modelo de referência na figura com ilustrações da Introdução e das Referências de AP2 (circulamos as indicações da referência no texto de introdução para facilitar a visualização).

Introdução	Referências
<p>Os critérios diagnósticos da bulimia nervosa (BN) estão focados nos comportamentos de compulsão alimentar com subsequente purgação, bem como autoavaliação indevidamente influenciada pela forma corporal e peso. Estudos¹⁻³ apontam a imagem corporal como um componente crítico dos transtornos alimentares (TA), visto que a disfunção dessa imagem pode levar a comportamentos extremos para atingir um ideal de beleza muitas vezes inatingível. Na BN, a tendência é de insatisfação decorrente da avaliação negativa da imagem corporal⁴.</p> <p>A imagem corporal é definida como “a figura que temos em mente do tamanho e forma dos nossos corpos e os nossos sentimentos em relação a essas características e partes constituintes do corpo”⁴. A imagem corporal possui dois componentes principais: atitudinal e perceptual⁴.</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Skrzypek S, Wehmeier PM, Rremschmidt H. Body image assessment using body size estimation in recent studies on anorexia nervosa. A brief review. <i>Eur Child Adol Psychiatry</i>. 2001;10:215-21. 2. Peterson CB, Wimmer S, Ackard DM, Crosby R, Cavanagh LC, Engbloom S, et al. Changes in body image during cognitive-behavioral treatment in women with Bulimia Nervosa. Elsevier; 2004. p. 139-53. 3. Hraboskt JJ, Cash TF, Veale D, Neziroglu F, Soll EA, Garner DM, et al. Multidimensional body image comparisons among patients with eating disorders, body dysmorphic disorder, and clinical controls: a multisite study. <i>Body Image</i>. 2009;6(3):155-63. 4. Slade PD. What is body image? <i>Behav Res Ther</i>. 1994;32:497-502. 5. Muth JL, Cash TF. Body-image attitudes: what difference does gender makes? <i>J Appl Soc Psy</i>. 1997;27:1428-52.

Figura 5: Fragmentos da Introdução e das Referências de AP2.

Este modelo dá uma caracterização própria à forma de organização e, sobretudo, de composição do texto; já que, por exemplo, os autores podem prescindir de estruturas como

“segundo o autor x” ou mesmo de citar nominalmente os autores das ideias/ informações apresentadas (caso de AP1), salvo se os autores do artigo o quiserem (caso de AP2, em que ocorrem os dois tipos de referência). Contudo, chegamos ao entendimento de que este padrão é comum não só aos membros da área psiquiátrica, mas às demais áreas da saúde e ainda a outras áreas que desejem adotar tal padrão de referências. Portanto, embora esta não seja uma característica particular da área, ou seja, unicamente da Psiquiatria, ela caracteriza a composição dos artigos acadêmicos nessa comunidade e, por isso, pode ser considerada um traço do estilo do gênero. Já as formas com que cada autor explora essa convenção/recurso revelam o estilo individual.

5.2. Comparando as introduções de AL1 e AL2

Os artigos da Psiquiatria apresentam introduções mais parecidas em termos de composição e organização do que os da Linguística Aplicada. Provavelmente porque o periódico da Psiquiatria expõe prescrições mais explícitas sobre a composição não só desta seção como de todas as seções do artigo. Na Linguística Aplicada não há nenhuma prescrição quanto à organização retórica dos artigos, muito menos a respeito da composição de cada seção separadamente. Podemos considerar este um fator de liberação dos autores para usarem de criatividade na composição de seus artigos. Por isso, percebemos mais variações estilísticas nas introduções da Linguística Aplicada.

Como observamos no modelo descritivo das introduções dos artigos da Linguística Aplicada (figura 3), os autores dessa área mostram maior liberdade e variação na própria forma de organização retórica. Em AL1 o autor opta por apresentar a organização do artigo, o que não é feito pelo autor de AL2. Nessa apresentação, o autor de AL1 lista uma série de ações em que marca sua agentividade enquanto autor do artigo, revelando o seu processo de escrita, e mesmo seu modo particular de apresentar a pesquisa. Observemos os verbos em primeira pessoa: “No presente artigo, *apresentamos e discutimos (...), organizamos* o artigo (...). Na primeira seção, *apresentamos (...)*. Na segunda seção, *descrevemos (...)*. Na terceira seção, *apresentamos (...)*. Na quarta seção, *tratamos (...)*. *Finalizamos* o artigo (...).”

Na verdade, verificamos em ambos os artigos uma forte marcação da agentividade dos autores pelo uso da primeira pessoa de plural. A apresentação do objetivo, por exemplo, na Linguística Aplicada é bem diferente de como é feita nas introduções da Psiquiatria.

Apresentação do objetivo do artigo	
AL1	Tendo isso em vista, <i>nos propusemos a investigar</i> , em uma pesquisa mais ampla, <i>como</i> a inovação é produzida na sala de aula por professores empenhados em transformar sua prática pedagógica de ensino de gramática.
AL2	Dessa forma, <i>nosso gesto de leitura</i> em relação ao corpus <i>caminha no sentido de analisar</i> as vozes em embate, as posições discursivas em confronto, as fissuras que inevitavelmente marcam a tomada mesma da palavra.

Quadro 5 – marcação da agentividade dos autores de AL1 e AL2 na apresentação do objetivo

Mesmo que ambos os autores marquem sua agentividade, percebemos em AL2 um maior uso da criatividade na apresentação do objetivo. Enquanto o autor de AL1 usa uma forma direta de apresentação, o autor de AL2 apresenta seu objetivo de forma altamente estilizada: “nosso gesto de leitura em relação ao corpus *caminha no sentido de analisar*” corresponderia numa forma mais simples e direta a “nosso objetivo é analisar”. É bastante provável que essa estilização encontra respaldo na teoria e linha de pesquisa (análise do discurso) na qual o autor se insere. Assim, acreditamos que essa forma diferenciada de apresentar o objetivo do artigo marca um posicionamento teórico do autor. Essa forte marcação do posicionamento em AL2 é verificada em outras escolhas léxico-gramaticais do autor: “Aliás, *diríamos* que os questionamentos recaem...”; “*Cremos* que é no e pelo discurso que...”. Mas em AL1 também encontramos um posicionamento desse tipo, embora uma única vez: “*A nosso ver*, essa rediscussão deve...”.

Essas formas de posicionamento e marcação da subjetividade seriam impensáveis em artigos da área psiquiátrica. Provavelmente soaria estranho encontrar formas como esta numa área em que se preza a objetividade e o rigor científico, marcados pela impessoalidade das formas usadas. Posicionar-se, marcar-se no texto, provavelmente sejam ações linguísticas que, para a comunidade da Psiquiatria, diminuam a credibilidade dos artigos. Contudo, qualquer escolha, mesmo que seja de formas impessoais, é já um traço de estilo. Como diria Bakhtin, “a própria escolha de uma determinada forma gramatical pelo falante é um ato estilístico” (2003, p.269). Nesse caso, acreditamos que este é não só um traço de estilo individual, mas é extensivo ao estilo do gênero.

Conclusão (considerações sobre estilo do gênero e estilo individual)

Retomamos aqui nosso objetivo de tecer considerações sobre as noções de *estilo do gênero* e *estilo individual*. Compreendemos, a partir das análises, que o estilo do gênero diz respeito a convenções, normas ou regras de uma área e se relacionam a estilo (do gênero) na medida em que marcam essa área, imprimindo-lhe ou associando-lhe características próprias, em contraste com as características de outras áreas. É como uma noção que tenta dar conta da “simbiose” entre gênero e estilo – lembremos a concepção bakhtiniana da composição do gênero, em que o estilo é um elemento constitutivo deste.

A própria existência das prescrições – *Instruções para os autores* na Revista de Psiquiatria Clínica e *Normas para publicação* na Revista Brasileira de Linguística Aplicada – para a produção do gênero em cada área evidencia ao mesmo tempo aspectos genéricos e estilísticos. Genéricos, pois orientam uma padronização dos exemplares do gênero na área; e estilísticos na medida em que imprimem uma “identificação” da área no gênero, em contraste ao mesmo gênero quando produzido em outras áreas.

Quando, por exemplo, os artigos da Psiquiatria apresentam introduções mais parecidas em termos de composição/organização que os da Linguística Aplicada, isso mostra que o estilo do gênero na Psiquiatria remete a uma predominância dos aspectos convencionados em detrimento da exploração criativa e inovadora. Consideramos esse fato como resultado da determinação de prescrições bastante explícitas para os autores sobre a composição do artigo, inclusive com a orientação a respeito de cada seção em separado. A força das prescrições no periódico da Psiquiatria corrobora a forte institucionalização e padronização das realizações do gênero artigo acadêmico pelos membros dessa comunidade discursiva e disciplinar.

Nas *Normas para publicação* da Linguística Aplicada, por sua vez, não há nenhuma prescrição quanto à organização retórica dos artigos, muito menos a respeito da composição de cada seção separadamente. Podemos considerar este um fator de liberação dos autores para ousarem e usarem de criatividade na composição de seus artigos. Por isso, percebemos uma maior variação entre as introduções da Linguística Aplicada. E não apenas na introdução, mas no artigo como um todo. Vimos, por exemplo, que os autores costumam usar de bastante criatividade para compor as unidades retóricas de seus artigos; o que se pode perceber inclusive pela liberdade com que intitulam as seções dos artigos. Compreendemos assim que criatividade seja uma característica estilística do artigo acadêmico da área da Linguística Aplicada.

Devemos considerar, contudo, que os traços de estilo do gênero não estão ligados a uma subjetividade como no estilo individual. A não ser que se conceba uma determinação intersubjetiva das convenções do gênero em dada área, isto é, a ideia da convenção coletiva como o resultado de uma combinação ou negociação intersubjetiva. Ainda assim, é algo coletivo, não individual; portanto, mais ligado a aspectos convencionais e comuns (a todos os membros da comunidade) do que particulares.

O estilo individual, este sim, diz respeito à impressão de marcas da individualidade dos autores que recorrem ao gênero e o materializam. Embora essa subjetividade possa aparecer mais ou menos, dependendo do estilo de cada autor, que pode variar entre uma maior

ou menor exploração dos aspectos criativos, um maior ou menor apagamento das marcas subjetivas, e a impressão de um tom mais pessoal ou impessoal ao texto. Qualquer que seja a tendência estilística do autor, uma vez que se trata de escolha individual, trata-se de estilo.

Não podemos deixar de entender, contudo, que o estilo do gênero determina, pelo menos em parte, ou influencia o estilo individual. Por exemplo, nas introduções da Psiquiatria, há, em geral, um apagamento das marcas de subjetividade, e o posicionamento dos autores a respeito do tema se apresenta de forma bastante “impessoal” ou “mascarada”, provavelmente para dar um tom de objetividade e imparcialidade ao texto. Apesar dessa tendência geral dos artigos da Psiquiatria, pudemos perceber diferentes graus e formas desse apagamento da subjetividade e do deslocamento da agentividade nos artigos analisados, o que relacionamos a variações estilísticas nas escolhas dos autores.

Nas introduções da Linguística Aplicada, os autores, longe de mascararem sua subjetividade, colocam-se como agentes das ações que descrevem no texto e marcam fortemente seu posicionamento a respeito do tema. É o que observamos pelo uso da primeira pessoa do plural e por algumas escolhas lexicais (verbos e estruturas que marcam subjetividade: “cremos”, “a nosso ver”). Mesmo assim, os autores exibem diferentes formas de marcarem o posicionamento, de comporem e organizarem suas introduções. Enfim, realizam diferentes escolhas estilísticas na escrita de seus artigos.

Reiteramos com essas observações a forte “interdependência” ou retroalimentação entre gênero e estilo e também entre estilo do gênero e estilo individual. Assim, reafirmamos nossa compreensão de estilo do gênero intimamente ligado às condições e convenções da comunidade discursiva/ campo de atividade/ área disciplinar; e de estilo individual como a exploração do estilo do gênero (isto é, dos recursos e convenções disponíveis) pelos membros de uma determinada comunidade de uma forma particular.

Por fim, esperamos que nossas considerações a respeito da noção de estilo ligada ao gênero artigo acadêmico e às áreas da Psiquiatria e da Linguística Aplicada possam fomentar a discussão sobre esse assunto tão rico a partir da investigação de outros gêneros e de outras áreas disciplinares.

Referências bibliográficas

- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p.261-306.
- BHATIA, V. K. A análise de gêneros hoje. In: **Gêneros e sequências textuais**. BEZERRA, B. G.; BIASI-RODRIGUES, B.; CAVALCANTE, M. M. (Orgs.) Recife: Edupe, 2009. p.159-195
- _____. Genre-mixing in academic introductions. **English for Specific Purposes**, v. 16, n.3, 1997. p. 181-195.
- BIASI-RODRIGUES, B.; HEMAIS, B.; ARAÚJO, J. C. Análise de gêneros na abordagem de Swales: princípios teóricos e metodológicos. In: BIASI-RODRIGUES, B. ARAÚJO, J. C.; SOUSA, S. C. T. (Orgs.). **Gêneros textuais e comunidades discursivas: um diálogo com John Swales**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2009. p.17-32.
- BERNARDINO, C. G. **O metadiscorso interpessoal em artigos acadêmicos: espaço de negociações e construção de posicionamentos**. 2007. 243 f. Tese. (Doutorado em Estudos Linguísticos) Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.
- MOTTA-ROTH, D.; HENDGES, G. H. **Produção textual na universidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. 167p.
- PONTES, A. L.; SANTOS, H. L. G. Gêneros introdutórios em dicionários impressos. In: SOUZA, M. M. F.; LOPES, A. K. C.; OLIVEIRA, F. C. C.; PONTES, A. L. (Orgs.). **Gêneros textuais: experiências de pesquisa**. Fortaleza: EdUECE, 2011. p. 187-210.
- SARTORI, A. T. Estilo em memoriais de formação. **Revista da ABRALIN**, v. 7, n. 2, jul./dez. 2008. p. 237-298.